



ARMAS e brasão assinalados... O Estado de São Paulo, São Paulo, 27 jun. 1972.

Armas e brasões
O Estado 27.6.72
assinalados...

O levantamento feito pelas nossas sucursais, regionais e correspondentes sobre brasões municipais, publicado domingo passado, abre debate dos mais interessantes. Enseja também oportunidade para a correção de erros gritantes e um estímulo para que cada comuna paulista venha a ter o seu próprio brasão de armas.

Não se pode deixar de reiterar o valioso esforço nesse campo desenvolvido por homens como Affonso de E. Taunay, Washington Luís, José Wasth Rodrigues e Guilherme de Almeida, entre outros, os dois últimos de perto ligados a esta casa. Sua contribuição na matéria permanece válida, como fonte que deve inspirar a confecção dos símbolos municipais.

Trata-se de uma herança medieval, época em que a cidade, na esteira da polis grega, conheceu seu esplendor como entidade autônoma, à qual depois o Estado e a Nação submergiram, mas foi igualmente válido nos primórdios da formação brasileira. Válida ainda tal herança, sobretudo quando tem o sentido de vincular as cidades às suas origens, peculiaridades ou episódios marcantes que as ligam à história comum de um povo.

Tanto mais que vivemos uma época em que se nivelam os valores e consequentemente há uma despersonalização coletiva. Ainda no recente concurso de "miss" São Paulo tivemos exemplo disso. O grande público da televisão pôde ver como, na apresentação de trajes típicos, predominaram os lugares-comuns. Parte deles era a de simples becas, alusivas aos estabelecimentos de ensino superior que hoje qualquer cidade de porte médio possui. Caso de São Carlos,

cidade ligada ao café, aos barões do Império, à expansão ferroviária e industrial e que, no entanto, no referido certame, preferiu identificar-se por uma universitária.

O levantamento feito pelo Estado revelou que há graves erros na confecção dos brasões. Foi apontado o caso de Taubaté, na verdade inadmissível. Frequentemente a idéia do bandeirante se estilizou num símbolo não correspondente à verdade histórica, ou seja, meramente supositício. Quando se sabe que o bandeirante se tupinizou, como ensinava Jaime Cortesão, para ter êxito na sua gigantesca empreitada, por selvas, rios e montanhas. Quase nenhuma cidade se lembra do índio ou tem a coragem de se lembrar do negro, sendo equânime em relação às "três raças tristes" da frase de Paulo Prado, as quais igualmente construíram a nacionalidade.

Longe iríamos em comentar a matéria que, aparentemente fossil, é viva e atual. Mas não podemos omitir uma referência ao mau gosto em que, por vezes, incidem os nossos brasões municipais. O caso de Paulínia, desculpável por se tratar de jovem município, é particularmente infeliz, mas não isolado. Nas suas armas se inscreveu o distico "Paulínia, Chamas do Progresso", (alusão à Refinaria) que, haveremos todos de convir, não é dos mais apropriados. Os municípios antigos, como os do Litoral, têm sido geralmente mais felizes. A heráldica é arte difícil e sutil; razão para não haver improvisações nem pieguismo nesse terreno, sendo preferível não ter brasões a tê-los improvisados ou de mau gosto.